



História Viva

BOLETIM DA COMISSÃO DE LEVANTAMENTO HISTÓRICO DA
PRIMEIRA IGREJA BATISTA DO RIO DE JANEIRO

ANO I

Rio de Janeiro, junho de 1982

Nº 6

JOÃO FILSON SOREN UM LÍDER DENOMINACIONAL

J. Reis Pereira

Conheci-o em 1934, durante a realização da II Assembléia da Mocidade Batista Brasileira, em Santos, São Paulo. Impressionou-me aquele jovem de séria aparência, muito pálido, trajando severo terno preto. Levava luto pela morte do Dr. F.F. Soren, ocorrida dois meses antes. Foi eleito 1º Secretário da Assembléia. Aí foi a vez de encantar-me pela maneira por que redigia e lia as atas. Era algo de novo para mim que alguns dias antes havia estreado em minha primeira Secretaria, a da recém organizada Assembléia da Mocidade Batista Paulistana.

Depois o vi de novo aqui no Rio. Convenção de 1935. Ele já era o pastor da Igreja e foi o discreto mas eficiente hospedeiro dos batistas brasileiros.

Quando vim para o Rio, em 1937, pude conhecê-lo melhor. Entre outras coisas porque me uni, de amizade fraterna, com o saudoso Ernesto Soren. Ninguém conhecia tão bem a vida batista tanto daqui como dos Estados Unidos. Explicou-me muita coisa. Revelou-me alguns segredos e fez prognósticos acertadíssimos. Imagino o que ele poderia fazer, como leigo, se Deus não o tivesse levado. Sua admiração pelo irmão mais velho era grande. E eu tive muitas ocasiões de saber por quê.

Acompanhamos a Convenção de 1938, quando João Soren foi eleito Presidente pela primeira vez. Com 29 anos foi o mais novo presidente que a Convenção já teve. Mas sua direção foi segura e firme, numa Convenção que algumas vezes se agitou, como sói acontecer numa boa Convenção Batista... Em 1939, em São Paulo, foi reeleito. Seminarista pobre, não pude ir até lá mas Ernesto me deu relatório completo. Contou-me como a elegância e o desprendimento do irmão não foram entendidos por muitos mensageiros e, em particular, por muitos missionários. Passaram a considerá-lo "radical", a ele que sempre foi de absoluta imparcialidade nesses problemas infelizmente existentes, então com mais força, da política denominacional.

Na Convenção de 1941 eu estava firme na galeria da Primeira Igreja para votar nele que me parecia o presidente mais indicado naquela hora crítica da vida batista brasileira. Não vale a pena recordar nem contar o que aconteceu nessa Convenção. O pastor da Igreja hospedeira foi despreitado. Houve quem profetizasse seu ostracismo! Na Convenção seguinte, Belo Horizonte, 1942, o grupo, quase partido, que domina

ra a Convenção de 1941, continuou na direção. Mas já havia perdido o ímpeto. E daí a pouco o Brasil entrava na guerra. Em 1943 e 1944, por causa da guerra, não houve reunião da Convenção. Mas um pastor batista chamava a atenção do Brasil inteiro pela sua atuação, como Capelão da FEB, na Itália: João Soren! Lembro-me do entusiasmo, mais do que isso, do amor com que ele foi recebido ao voltar. E assim, na Convenção de 1946, em São Paulo, não havia nome para competir com o dele. Pois não era o batista brasileiro mais ilustre? E também o mais capaz. Foi-me imenso prazer votar nele, depois de observar inútil e ingênua manobra dos remanescentes de 1941. E foi-me grande honra ser secretário, ali na mesa, a seu lado. A Convenção prometia ser agitada: as "novíssimas" Bases de Cooperação e O Jornal Batista estavam em debate. Sua direção segura garantiu a ordem.

Depois foi eleito várias outras vezes. Coube-lhe, anos mais tarde, resolver de modo mais tranquilo, sem nenhum dos prometidos protestos e desligamentos, a questão do registro dos Estatutos da Convenção, problema ridículo que nunca deveria ter sido levantado.

Sua presidência sempre foi assim: segura, firme, elegante, distinta, cortês. Com tal presidente ninguém perde o controle. Nem abusa. Além do mais tem conhecimento pleno da história, dos princípios e dos costumes dos batistas. Não é nunca apanhado de surpresa. Nunca está "por fora".

Em 1960 foi eleito Presidente da Aliança Batista Mundial. Também nisso pude acompanhá-lo, conquanto só em parte. Nas reuniões do Congresso de Miami Beach e na Comissão Executiva hoje Conselho Geral da Aliança. Não fala muito mas quando fala todos ouvem. Aprenderam a respeitar sua palavra. Como F.F. Soren é um batista ortodoxo e sua presença numa organização como a Aliança é uma garantia de que os princípios batistas serão preservados.

Mas, voltando ao Brasil, à Convenção Batista Brasileira que venho seguindo desde 1934, dou graças a Deus por sua presença porque sou testemunha de que graças a ele, em momentos de crise, em lugar de divisão tivemos união maior.

Os batistas brasileiros souberam reconhecer isso quando o elegeram para a presidência de nossa Convenção histórica do Centenário. Quem melhor do que ele, quem com melhores títulos de merecimento, nas nossas comemorações?